

O Psicodrama e as modalidades brasileiras do Teatro Espontâneo¹

Rosane Rodrigues²

“O objetivo do Psicodrama é uma organização genuína da forma, uma auto-realização criativa no ato, uma estruturação de espaço, uma concretização de relacionamentos humanos no âmbito da realização cênica.”
(Moreno, J.L. *Teatro da Espontaneidade*, p.10)

Ao longo dos anos tenho fortalecido posições e me aberto a olhares, que antes rejeitava. Amadurecer é isto! Escolhe-se melhor a partir da experiência concreta e não só da teoria. E, também, a teoria vai nascendo e se articulando com a prática na medida em que sistematizamos melhor o que fazemos e o porquê fazemos.

Por exemplo: gosto cada vez mais da idéia de o psicodrama ter aberto as portas da psiquiatria à alegria. O que hoje significa que o sofrimento e angústia não devam ser minimizados e que devemos investigar maneiras cada vez mais profundas de contato com nossas alternativas de negociação com ele. Porém, em nenhum momento significa sofrer com o processo mais do que se precisa para atingir novas alternativas. Senso de humor é fundamental. Fazer psicoterapia, desenvolver ações de cidadania conjunta, aprender como funciona o aparelho digestivo, melhorar a motivação dos funcionários do chão de fábrica ou dos executivos de uma empresa, debruçar-se sobre um problema da sociodinâmica grupal já é, na maior parte das vezes, dolorido em si.

O que não quer dizer que por isto superficializaremos a intervenção psico-sociodramática. Superficializar (ou não subjetivar) seria no caso de grupos iniciantes das novas modalidades que dão conselhos diretos ou indiretos para fechar o trabalho com alguma solução, abortando o insight dramático, sendo que este é um problema antigo dos psicodramatistas iniciantes e não uma característica das novas modalidades. Ou um diretor emocionando muito as pessoas com temas político/sociais, mas não dando continuidade para as propostas, nem no compartilhamento. Ou seja, fica-se emocionado e vai-se embora chorando simplesmente. Aliás, tenho gostado cada vez menos de lágrimas abundantes nas intervenções com Psicodrama.

Ou ainda intervenções que não propiciam que o público de fato construa sua própria história em grupo e já traz soluções bonitas e arrumadas para dizer o que já se sabia antes de entrar em contato com este público. O diretor não se arrisca e, portanto, não co-constrói o fenômeno psicodramático. Talvez neste caso só se demonstre o domínio do manejo técnico-teórico do qual dispõe o diretor.

Eu era uma recém formada em Psicodrama quando a turma do pedagógico batalhava por um lugar ao sol, junto aos psicoterapeutas poderosos. Eu tinha feito o Psicodrama Terapêutico e depois fui fazer o que, na época, era batizado de Psicodrama Pedagógico. Fiz isto entre 82 e 89, mas ainda levaria muitos anos para entender a importância do que estava ocorrendo no panorama do psicodrama brasileiro, enquanto virava atriz. Concomitante, ou um pouco depois, havia também o pessoal que defendia as raízes do teatro e do estético no psicodrama e pregava ir para as ruas, como Moreno fez, antes de desviar para a psicoterapia. Turma da qual fiz parte e abrimos nosso espaço extra-oficial antes de fazermos parte da grade científica dos Congressos Brasileiros. Portanto, fiz parte destas 2 turmas.

¹ Trabalho apresentado no XV congresso Brasileiro de Psicodrama – S. Paulo SP Brasil 2006.

² Psicóloga. Psicodramatista. Mestre em Artes Cênicas. Professora de Psicodrama e Teatro no Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae. Co-autora do livro “O Jogo no Psicodrama”. Co-autora do jogo Cia de Teatro. Diretora do Grupo Improvise.

Era a abertura para todas as novas modalidades, para o que veio a ser chamado de Psicodrama com foco sócio-educacional. Que nome chique! E junto com isto veio também a ampliação das intervenções em atos e processos. Ai que medo que todo mundo teve e ainda tem que isto seja complacente demais e namore com clichês e não subjetive em cada indivíduo o suficiente. Mas quanto seria suficiente. O que seria a subjetivação numa intervenção psicodramática?

Coordenei recentemente uma discussão sobre o documentário realizado por um trio de alunos de Psicodrama no Sedes: Vincenzo, Sandim e Vieira Tfauni com nada menos que as feras Anna Maria Knobel e Cida Davoli para discutir 8 sociodramas realizados numa praça de Sampa, onde se discutia subjetivação na praça.

Recolhi algumas frases deste debate de altíssimo nível para nos inspirar:

- “Qualquer experiência surpreendente me afeta, especialmente se ela for estética. Causa subjetividade e transforma.”

- “Intervir não é só explicitar o conflito, mas agüentar a dificuldade dele.”

- “O que é público realmente?”

- “Sociodrama não é trazer para uma linguagem comum, mas evidenciar as diferenças. Formar novas redes sociais e formar novos scripts sociais.”

Considero então indissociável a idéia da ampliação do campo de intervenção do Psicodrama e o surgimento das novas modalidades. Nesta expansão e afirmação do Psicodrama como não unicamente psicoterápico, ele tem se transformado na prática em algo como psicodrama ou sociopsicodrama.

Considero emblemático o momento em que muitos colegas que batalharam pela causa do sócio-educacional e/ou pelas intervenções mais estéticas, começaram a dirigir abrindo para o público a escolha de quem gostaria de vir para a cena, quebrando com o sagrado ritual psicoterápico, onde era o protagonista quem ditava tudo e não se confiava de fato no grupo, como construção coletiva.

Quando este fôlego novo surge, ainda num primeiro momento preso ao modelo anterior, aparecem de maneira mais legitimada, novas formas necessárias ao exercício deste desenvolvimento. Estas novas formas começam a buscar uma metodologia própria, tal como era a sofisticação de estrutura atingida pelo Psicodrama Psicoterápico.

Este “*ensaio de esboço*” de quadro de referência conta um pouco de como estamos no momento atual: (ver figura)

Aguiar define: “O Teatro Espontâneo é uma modalidade de teatro interativo, cuja característica básica é a improvisação...”

“...temos testemunhado nos últimos tempos uma explosão de criatividade, com o surgimento de várias modalidades (divisão dele: Role-playing, Jornal Vivo, Axiodrama, Playback Theatre, Multiplicação Dramática e Peca Didática).”

Como uma das representantes de uma das novas modalidades, por ter sido parte do grupo que trouxe o Playback Theatre para o Brasil e, inspirado neste, desenvolvido a modalidade brasileira de Psicodrama que passou a ser chamada de Teatro de Reprise, sinto-me à vontade para falar de como me situo hoje neste cenário psicodramático a partir do que entendo melhor.

Muitas coisas poderiam ser ditas, mas para abrir o diálogo disparo o seguinte desabafo:

Sou questionada indiretamente, dentro do meio psicodramático brasileiro, por pensadores de grande envergadura que têm reservas quanto ao Teatro de Reprise ser Psicodrama, dada, por exemplo, a substituição do protagonista por um narrador que não entra em cena e outras tantas diferenças em relação ao dito Psicodrama Clássico.

A INTERVENÇÃO PSICO-SOCIODRAMÁTICA quanto à:

Direção Centrada em	Regularidade	Foco		Ferramenta		
Sociometria	Ato	Psicoterápico	Procedimentos psicodramáticos	Jogo	Habilidade	
Protagonista	Processo		Procedimentos sociodramáticos		Acaso	
Espontaneidade	Ato com participantes em processo	Sócio-educacional	Sociodrama		Dramatização	Competição
					Axiodrama	Teatralização
	Sociodrama tematizado			Vinhetas	Fantasia dirigida	
	Vídeo/Cinema	Configuração do átomo social				
	Objeto intermediário	Desenhos				
		Fantoches/ bonecos				
Caixa de areia						
Máscaras						
Dança Circular						

Sou questionada, aí mais abertamente, pela IPTN (International Playback Theatre Network) ou Rede internacional de playback theatre, quanto ao método. É inquietante para eles o tanto que penso como psicodramatista e gostariam que eu me adaptasse mais ao método playback theatre de Jonathan Fox.

Eu só sei dizer que todo o desenvolvimento que tenho dado, principalmente nestes últimos 5 anos de Grupo Improvise me fazem crer que transformações importantes são realizadas nos grupos através do estético e da arte aliada a uma escuta sensível do grupo, respeito e muito senso de humor. A alegria pode transformar tanto quanto as lágrimas, ou mais.

O Teatro de Reprise desenvolve uma comunicação co-inconsciente densa e mágica, através das esculturas fluidas e de todo o aquecimento anterior à ação dramática. A cena de um narrador dialoga intensamente com a próxima cena e a equipe de atores e de músicos resignificam a dramaturgia perfeita da vida. As cenas são engendradas, baseadas na mágica do que o co-inconsciente permite e propicia. Nestes treze anos de convivência com esta modalidade não tenho como medir o alcance do método, mas tenho certeza de que ele disponibiliza espontaneidade através da resignificação, delicadeza e sutileza do método, descristalizando em alguns do público o que estava conservado numa recordação.

Muita coisa poderia ser dita, mas vou terminar com Moreno:

“Em resumo, dois métodos gerais de produção podem ser diferenciados: o método do ator-paciente em que o paciente é ao mesmo tempo o ator principal e o informante principal; e o método do ego-ator, em que um auxiliar é o ator principal e o paciente é, meramente, o principal informante”.

(...) O método do ego-ator requer uma organização mais permanente do elenco, uma equipe de egos que tenha trabalhado com pacientes em alguns papéis de egos auxiliares e tenham sido treinados para espelhar os pacientes no palco, utilizando os próprios pacientes para comprovar a fidelidade de suas atuações. Podem ser usados como atores principais egos altamente sensíveis, dotados de um profundo talento subjetivista de imitação, recorrendo-se também neste caso, é claro, a pacientes reais como informantes que verificam a pertinência de cada fase de sua representação no palco. Um relacionamento particularmente eficaz, descoberto no trabalho psicodramático é um método inverso, ou seja, deixar que um ego auxiliar seja o ator principal - isto é, o paciente, ao passo que o próprio paciente atuará em um papel secundário, como ego auxiliar de si mesmo.” (Psicodrama, p.458)
